

*Uma família. Uma comunidade. Um mundo.
Um porco para matar. O porco do pai. Um ritual
ancestral que traz à tona feridas familiares.*

É preciso matar para sobreviver?

*Esta peça não é sobre a matança do porco. É sobre
a memória da violência e a violência da memória.*

*É sobre construir um futuro capaz de
acolher o passado.*

O espectáculo “A Matança do Porco do Pai”, com produção da Ritual de Domingo – Associação Artística, estreou-se em setembro de 2024, com a seguinte equipa:

Texto e encenação: Sónia Barbosa

Interpretação: Hugo Inácio, Joana Gomes Martins, Márcia Mendonça, Nuno Nunes, Sónia Barbosa

Desenho de luz e gestão da produção: Cristóvão Cunha

Cenografia: Susete Rebelo e António Quaresma

Figurinos: Sónia Barbosa

com apoio de Ricardo Carneiro

Música original: Ana Bento

Design de comunicação: Nuno Rodrigues

Apoio à dramaturgia: Sandro William Junqueira

Fotografia: Estelle Valente

Registo de vídeo: Tomás Pereira

Apoio à investigação: Rui Macário

Apoio à gravação, mistura e masterização: Bruno Pinto

Assistência encenação: Ricardo Carneiro

Assistência produção: Bárbara Marques

Assistência comunicação: Juan Brízida

Assistência construção: Jonas Ribeiro

Técnica: Fernando Queiroz, Tomás Gamboa.

1.º CAPÍTULO

OS PORCOS

Estamos em casa desta Família, que inclui o lugar onde o Senhor Porco existe. A casa não tem de ser realista/naturalista. Há espaço para o simbólico, o meta-teatral, a desconstrução, o questionamento das convenções teatrais. O espaço e o tempo podem ser considerados como dimensões sujeitas a transmutações, manipulações e interpretações.

CENA 1 – O SENHOR PORCO

O Senhor Porco é uma personagem metafórica, simbólica. Talvez o mais humano desta amostra de humanos.

O SENHOR PORCO

Que estranho. Estou saciado. Isto pode ser perigoso. Quando deixamos de ter o problema da sobrevivência para resolver, aparecem logo outros piores. Podia aproveitar e ficar sossegadinho. Deitado na minha pocilga. Mas porque é que esta sensação de barriga cheia me está a pôr nervoso, com um pressentimento ruim? Costumam dizer que os porcos sabem tudo, não é? Que são muito inteligentes. Até mais do que os cães. Que pressentem a matança antes de ela acontecer.

(Pausa.)

Não é por acaso que aquele livro muito famoso, sobre os animais, começa com um porco a falar, que é o mais velho e mais sábio da quinta. Mas depois aquilo dá voltas e reviravoltas de tal maneira que afinal, vai-se a ver, e o porco já não é nada do que parecia. Acaba por personificar, ou antes, “porcinizar” (*ri-se satisfeito com o termo que acaba de inventar*) - “porcinizar” – perceberam? – o que de pior existe no mundo – a opressão do semelhante.

(Pausa.)

Estão a ver o que a sensação de barriga cheia me está a provocar? Uma torrente de pensamentos e raciocínios e questionamentos? Isto não augura nada de bom. Mas voltando ao tema da inteligência, garanto-vos que estão diante de um porco. Um porco incomum. Vocês nem imaginam onde eu consigo chegar. (Pausa) Sinto-me tão sozinho com os estes pensamentos. Vou grunhir. Vou grunhir muito alto. Pode ser que a Mãe venha cá pôr-me mais comida. Acho que comia, com um bocado de esforço, mas comia. (Pausa. Grunhe muito alto durante um bom bocado.)

CENA 2 – OS PORQUINHOS

O FILHO está meio escondido. Ouve-se barulho pouco definido de algo a ser agitado rápida e ritmadamente, e de uma respiração um pouco alterada. O FILHO está a masturbar-se às escondidas. A coisa prolonga-se. A FILHA, meia escondida também, escuta com atenção. Será que se apercebe do que se está a passar? Ouve-se um gemido abafado vindo do FILHO. O FILHO apercebe-se da presença da irmã e assusta-se.

O FILHO

O que é que estás aqui a fazer? (a FILHA não responde. Ele tem uma revista pornográfica nas mãos, que não esconde, pelo contrário, mostra.) Estava na gaveta de baixo. Queres ver?

A FILHA

Porco!

O FILHO

Se calhar. Sabias que ele tinha isto aqui?

A FILHA

O quê?

O FILHO

Isto.

A FILHA

Como é que havia de saber?

O FILHO

Mentirosa. Eu vi-te a folhear às escondidas no outro dia.

A FILHA

Tu é que és. (*Pausa*) Encontrei-a no outro dia quando... quando estava a limpar o pó. E sim, folheei. Fiquei curiosa. Nunca tinha visto nada assim.

O FILHO

Já imaginaste? Os dois? A fazer....

A FILHA

Ó pá! Que nojo.

O FILHO

Ai é. Vais dizer-me que nunca fizeste nada disto com o teu namoradinho?

A FILHA

Ele não é meu namoradinho. Prá próxima não teuento nada.

O FILHO

Calma. Não te enerves. Tu é que sabes se queres dar umas voltas com ele, ou com outro qualquer. O corpo é teu.

A FILHA

Eu não dou voltas nenhumas com ninguém. Não quero falar mais nada sobre isso contigo. Não quero falar mais nada.

O FILHO

Porquê?

A FILHA

És um porco.

O FILHO

Somos irmãos ou não?

A FILHA

O que é que queres que te diga?

O FILHO

Sei lá... não pensas nisso? Não tens vontade?

A FILHA

Não te preocipes comigo. Eu safo-me.

O FILHO

Ai é? Está bem.

A FILHA

É. É só aguentar mais um bocadinho.

O FILHO

Estás à espera do casamento, é? (*Ri-se*)

A FILHA

Não estou a falar de casamentos. Estou a falar da minha vida.

O FILHO

Tens planos? Vais mudar de vida, é?

A FILHA

E tu, vais ficar aqui a tomar conta das terras, é?

O FILHO

Quais terras? Este quintalzinho de merda? Isto não dá para nada. É preciso um ordenado ao fim do mês. Achas que nos safávamos se o Pai não tivesse ido para a fábrica?

A FILHA

Vou continuar a estudar. Vou sair daqui. Vou estudar para longe.

O FILHO

Certo. E quem é que vai pagar isso?

A FILHA

Não te preocipes. Eu safo-me.

O FILHO

Pois. Safas-te sempre. És muito esperta.

A FILHA

Achas que quero ter uma vida igual à deles?

O FILHO

Está bem. Tu é que sabes.... Vê lá se não crias ilusões... quanto maior a altura, maior a queda.

A FILHA

Já pareces ele a falar.

O FILHO

Quem? O porco?

A FILHA

O Pai.

O FILHO

Para ti não se aproveita nada.

A FILHA

E tu o que é que aproveitas?

O FILHO

O mesmo que os outros todos. Não somos assim tão diferentes.

A FILHA

Falas muito com os outros sobre a vida aqui em casa, é?

O FILHO

Não há nada que falar.

A FILHA

Realmente aqui não se fala muito.

(Pausa)

O FILHO

Não me chegaste a dizer se já experimentaste...
(apontando para a revista).

A FILHA

Vamos mas é sair daqui antes que ele nos apanhe.

O FILHO

Confessa lá que até gostaste. Foi, não foi?

*O Filho ri-se e ela dá-lhe um bofetão meio a brincar.
E vai-se embora.*

CENA 3 – A PORCA E OS SEUS LEITÕES

No tear (ou canto da costura) a MÃE virada de costas para o público trabalha sempre. A FILHA aproxima-se da MÃE muito agitada.

A FILHA

Mãe, eu não levo isto para a escola. (*nenhuma resposta*) E ainda por cima com este reforço no tacão, clack / clack/ clack / tudo a olhar para mim. Ninguém anda assim. Mãe, não me obrigues. Eu não levo. Não levo.

(*Entra o FILHO.*)

O FILHO

Para que é que estás aos gritos?

A FILHA

Não tens nada com isso.

A FILHO

Estás assim por causa da porcaria dos sapatos? O que é que têm os sapatos?

A FILHA

Não te metas.

O FILHO

São bem bonitos. Ficas fina. “Ai, não me toquem!”

A FILHA

O que é que tu sabes da minha vida? Quero ser igual aos outros. Não chamar a atenção, percebes? Tu é que andas sempre com aqueles broncos das motas a armar-te em macho man.

O FILHO

Porque tu não és bronca, pois não? És muito inteligente. Sempre a cheirar o cu aos profs. Achas-te superior. E não percebes que as miúdas como tu só têm uma hipótese: ir prá fábrica ou ir lavrar a terra e cuidar dos porcos.

A FILHA

Isso são duas hipóteses, ó burro do caralho!

O FILHO

Olha ela! Tão esperta! Tiveste dezoito? A Português, não foi? Por andares a roçar-te no Prof?

A FILHA

Pelo menos não fui humilhada à frente da turma toda porque não sabia fazer uma continha de dividir! Contaram-me que ficaste tão vermelho que parecia queias rebentar. Vieram-te as lágrimas aos olhos, foi?

O FILHO

Ai caralho! Que te rebento o focinho!

O FILHO ataca a irmã, lutam e discutem violentamente. A MÃE intervém com violência, a algazarra termina.